2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 18. QUINTA FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.

A carta, que hoje publicamos, é de alta importancia, porque se refere a uma questão de maxima gravidade para Portugal. Chamamos sobre o ponto a attenção dos nossos leitores, e em tempo opportuno desenvolveremos o que já sobre a materia dissemos o anno passado.

287 *Sr. Redactor.*—Em o n.º 44, do 8.º anno do seu . . . Jornal, vi um artigo intitulado—Portugal e Brasil:—apesar das acertadas observações da Redacção, não fiquei completamente satisfeito por me parecer que a materia deve ser mais convenientemente esclarecida: gravissima é ella tambem, e por isso não poderá ser tratada com toda a franquesa e liberdade, pois fôra mister tocar em nacionalidades, o que é sempre doloroso ao coração do homem, e com especialidade ao coração de irmãos, que taes se deveriam chamar portuguezes e brasileiros.

O auctor do artigo terá conhecimento da nossa rica provincia do Minho, porém ignora muito do que se passa no Brasil ou julga-o ainda o Brasil de ha 50 annos.

Aconselha ardentemente, e quer demonstrar as *conveniencias reciprocas* da emigração para aqui, dizendo *que a emigração portugueza para o Brasil é um facto que desde muito subsiste com vantagens de ambos os paizes.* É isto uma verdade funesta para Portugal, e que, se tivessemos governo, de muito a teria prohibido rigorosamente, e persuado-me que para isso lhe não faltariam meios.—Direi mais—a emigração portugueza para o Brasil não é só *um facto, que desde muito subsiste*, é uma tendencia habitual, é uma mania estupida e louca, que povôa o Brasil e o enriquece, ao passo que Portugal se despovôa e definha pela falta de braços, que vem procurar fortuna e trabalho, que nem sempre acham, a um paiz que já não é seu, e que deixou de lhes offerecer as *riquesas* de outr'ora.

O auctor do artigo parece ignorar a historia moderna do Brasil, que tão de perto e tristemente nos diz respeito, e deduz os factos com bastante falta de logica: parecendo querer appresentar as rosas e occultar os espinhos.

O Brasil é ainda um paiz no começo da civilisação, onde a cada passo se desenvolvem tendencias revolucionarias, como todos os mais estados da America do Sul: as leis não teem aqui sempre execução regular, nem as auctoridades força moral ou physica para fasel-as cumprir. Em todas as suas revoluções, quer as da Bahia, do Pará, do Maranhão, e ultimamente a de Pernambuco, que ainda dura, quer em outras muitas, sem fallar nas da independencia, o motto que se lê em suas bandeiras é—«guerra e morte aos portuguezes.»—Este odio injusto, por todas as rasões, tem origem na ignorancia e avidez de um povo de varias raças, a quem os politicos ambiciosos teem lisongeado e insinuado as mais baixas paixões, pois antes de apparecerem as idéas communistas de França, já no Brasil existiam, e estas idéas podem ser desenvolvidas mais facilmente contra uma classe laboriosa de estrangeiros independentes, do que contra outra qualquer classe da sociedade.

E esta guerra surda e fratricida é a mais detestavel e covarde que se tem visto! Milhares de portuguezes teem sido, por muitas vezes assassinados ou nas prisões ou no silencio da noite, nos braços de suas mulheres e filhos, que, ás vezes, partilham a mesma sorte!!

Para estes desgraçados não tem Portugal nem uma lagrima!... E até apparece um escriptor, que diz ser portuguez, proclamando a emigração portugueza para o Brasil, *como um dogma moral e religioso!!*

Todos que teem escripto sobre a população de Portugal, entre elles M. *Ferdinand Denis*—o amigo da litteratura portugueza e dos portuguezes—como dignamente lhe chama o nosso prestimoso poeta, o Sr. A. F. de Castilho, são concordes em que é ella diminutissima, e que o solo, com os recursos que tem, póde sustentar e dar emprego a oito ou dez milhões de almas. Como pois aconselhar a emigração de uma terra, que apenas conta a terça parte da população que lhe convém? Como pois acenar ao povo rude e mesmo ao illustrado com uma riquesa imaginaria ou duvidosa em um paiz estranho e inhospito, quando se deixam

perder as riquesas que temos em casa. Portugal é a Irlanda ou a Siberia? Conhece-se algum torrão mais fertil na Europa, e direi mesmo na America? Creio que não.

Não seria, pois, mais conveniente, justo e patriotico animar esse povo ao trabalho, que é a verdadeira fonte das riquesas publicas e particulares, procurar e ensinar-lhe os meios de ganhar a vida; sem que para isso fosse preciso deixar o bello céo de Portugal? Oh! que fôra, e essa missão deve ser a de todos os homens sabios, que nasceram nessa formosa terra da qual só conhece os primores quem mendiga o pão do exilio em solo estrangeiro.

Não posso deixar de reprodusir aqui um trecho das ... observações de V. áquelle mesmo artigo.

«A população é um elemento poderoso de riquesa — os sacrificios que os seus movimentos custam ao coração, podem apenas ser esquecidos quando a emigração se faz entre as ilhas e o continente, entre a metropole e as colonias. Em taes casos a nacionalidade não se perde, e o homem não foge da sociedade, que seus ascendentes construiram, para achar protecção e vida entre homens, que absolutamente lhe são estranhos.»

Eis ahi toda a verdade, e nem seria necessario outra reflexão, para destruir tndo quanto diz o auctor do artigo ácerca da emigração, se me não persuadisse de que a ignorancia de alguns factos e a doutrina de tal artigo podem ser mui prejudiciaes a Portugal, principalmente na epocha em que parece arquejar para tal ou qual regeneração, e quando o Brasil appresenta um aspecto tristissimo, ameaçado de uma crise monetaria, de uma grande revolução politica e talvez social.

Diz o auctor do artigo — «A navegação do Brasil para o Porto é empregada na maior parte, não em especulações mercantis, mas na remessa de fundos, que revertem ao paiz d'essa importante emigração.»

Isto não é exacto: cumpre esclarecer este ponto. O que é certo, é que os navios, pela maior parte, vem em lastro e voltam carregados de generos coloniaes, trasendo para isso fundos, pois todos sabemos quanto Portugal despende annualmente na compra dos generos que importa desta especie, e que já podiam ser recebidos das nossas possessões Africanas, se não fosse a *mania* de emigrar para o Brasil, deixando de dar protecção e ir procurar fortuna a terra que ainda é nossa, e que offerece hoje talvez maiores vantagens do que o Brasil; como adiante procurarei mostrar.

A navegação para o Brasil mal póde mesmo subsistir, por não termos effeitos para a commutação, não por que não existam: mas por que os não aperfeiçoamos ou adaptamos aos mercados daqui, para entrar em competencia com os outros estrangeiros.

Temos por exemplo, o trigo e já felizmente exportamos algum para os mercados da Europa; mas no Brasil não ha moinhos; por que não hade esse genero vir em farinha embarricada e bem acondicionada, como fasem os laboriosos americanos do norte e os inglezes, de que tiram um lucro sofrivel, e mais que tudo certo? O que acontece com este genero dá-se com muitos outros. Mas para conservar e melhorar o nosso commercio com o Brasil, repito, não é preciso soffrermos esse immenso desfalque de braços pois para o negocio não é mister tanta gente, como se observa a respeito de todas as outras nações, que teem aqui grande trafico. E se esta navegação ainda se conserva é com o engodo de alguns passageiros, com especialidade no Porto e Ilhas dos Açores, aonde se sabe que muitos capitães de navios dão gratificações a quem lhos arranja, e para isso não poucas vezes illudem a mocidade incauta, pintando-lhe este paiz como se fôra o *Eldorado*. Em algumas aldêas são affixados nos sobreiros cartazes com descripções pomposas e romanescas das grandes e rapidas fortunas, que este e aquelle fizeram *sem trabalho!* E tolera-se isto no infeliz Portugal!

Por isso vemos que esses desgraçados ao fim de oito dias ou menos depois de chegarem aqui, estão pelas ribas das praias alongando a vista para o horisonte do mar, que lhes esconde a pratria. Recordam a alegria, a salubridade, a vida e as bellezas de nossos campos, suspiram e choram pela mãi, pai e irmãos, que lá deixaram e que não tornarão a vêr, mas é já tarde: falta dinheiro para nova passagem, que se o tivessem, nem a vigesima parte cá ficaria, e então é forçoso ir para o interior, onde quasi todos morrem desgraçadamente com febres e outras molestias endemicas ou perseguidos pela faca e bacamarte de um assassino, que tanto lhe custa dar um tiro n'um *homem do reino*, como n'um *quaté*. E no entanto, estes desgraçados sujeitam-se aqui a serviços mais ignominiosos e arriscados do que aquelles que em Portugal faziam, taes como feitorisar sozinhos cem ou duzentos negros, no centro de immensos certões, que só a audacia, vigor e geito do portuguez faz produzir e civilisar!

O auctor do artigo ficou deslumbrado, certamente com os valores ultimamente chegados ao Porto: e na sua pouca reflexão, não viu a causa dessa affluencia, e julgou ser manancial perpetuo. — Engana-se.

Essa causa tem origem nos factos que refiro — falta de segurança, máu tratamento systematico da parte de grandissimo numero dos naturaes do paiz e receios de um futuro terrivel.

E como pois aconselhar a vinda do homem pobre para uma terra donde se retira o rico, por se não julgar seguro, quando por seus capitaes, deve e póde achar maior protecção do que quem os não tem? Ou o auctor do artigo considera que a vida daquelle seja menos preciosa que a deste?

E se não fossem estas as causas, de certo que não seria tão grande o numero de portuguezes que se retiram, pois em tempos de mais prosperidade apenas lá voltavam os doentes, que íam fugindo á morte. E ainda quando essa regressão fosse constante e avultada, o que é impossivel, não poderá nunca compensar os milhares de mancebos de todas as profissões, que annualmente vem para o Brasil, e que por cá ficam: nem esses capitaes é que hão de dar vida á industria, artes e commercio decadente: outros são os meios para isso: — o trabalho aturado e os calculos solidos.

Se os navios carregados de oiro, que a Portugal chegavam de suas antigas conquistas, lhe não serviram para fazer estradas e canaes de que tanto precisa, se com elle não montou fabricas, para hoje hombrear com os paizes industriaes e menos favorecidos pela natureza, não serão por certo os *saquiteis* desse me-

tal recebido agora do Brasil, á custa do sangue e honra portugueza, que o hão-de tornar feliz e remediado. Antes creio que a sua muita riquesa é que o fez inactivo e perdulario.

Confesse-se que os nossos antepassados fizeram mais do que permittia a força humana, mas que foram imprevidentes; cuidaram das conquistas, cuidaram das colonias, e não cuidaram quanto era possivel dos melhoramentos materiaes e vitaes da patria. Mas confesse-se tambem, para vergonha nossa, que continuamos a ser imprevidentes, e, o que mais é, destruidores e rebeldes ás innovações uteis.

Se os antigos emigravam, para o que era seu, os modernos devem continuar a emigrar, para o que é alheio?! Na verdade, nesta parte excedemos nossos paes: mas infelizmente é para o máu, que para o bem, não.

Conheço que Portugal ainda póde tirar alguns e mesmo bons resultados, não só do Brasil, como tambem de outros pontos; mas para isso não é mister que seus filhos emigrem, é prohibindo a emigração, e dando-lhes trabalho, que o poderá conseguir, é aperfeiçoando as manufacturas, a agricultura e artes, que fará prosperar o commercio.

Se os marinheiros que guarnecem os navios brasileiros, que quasi todos são portuguezes, fossem empregados na pesca da balêa nas costas do mar de Moçambique, e na do bacalháo e hypopotamo, nas costas e rios de Angola, onde se encontra esta rica pesca, que alli é feita pelos inglezes e americanos, teriam esses homens trabalho e sustento, os donos de taes navios maiores resultados, do que tiram d'aqui; e tambem concorreriam poderosamente para o augmento daquellas nossas possessões, que só carecem de braços europeos para fazer aproveitar as immensas riquezas, que produzem, taes como o algodão, o arroz, a canna de assucar, o anil, o caffé, milho, cacáu, ferro, cobre, enxofre, salitre, prata, marfim, cêra, mel, oleo de palma e muitas madeiras de construcção, e até o chá, canfor e herva dôce, assim como trigo e mais legumes da Europa, que se dão em Bihé, Pungo-Andongo, Caconda e outras partes daquellas terras, onde o clima é muito saudavel, havendo quasi tanto frio como em Portugal, não fallando dos ricos e variadissimos animaes, que dão pelleteria de grande valor.

Tudo isto são ramos importantissimos, mas pelos quaes pagamos ao estrangeiro milhões e milhões.

Se os portuguezes, logo depois da independencia do Brasil, tivessem *entendido*, que este acto era *um facto inteiramente consumado*, se tivesse cessado a emigração e dirigido-se para a Africa, Portugal teria lucrado muito e o Brasil perdido muito mais, pois não só lhe faltariam os braços livres, que de ahi lhe vem augmentar a população, como tambem os escravos, que não deviamos consentir, por modo algum, que os fossem tirar das nossas colonias, que lhe seria um futuro rival, e tambem perderia a parte que Portugal lhe consome em generos, que não é de pequena importancia.

Isto que refiro, são vantagens politicas e commerciaes; mas os nossos politicos dormem, e os nossos negociantes não são especuladores, nem o nosso povo gosta de innovações proveitosas.

Nós aqui somos menos respeitados e favorecidos do que os outros estrangeiros, apesar de sermos muito mais proveitosos ao paiz em que vivemos, pois esses estrangeiros não edificam predios, não se empregam senão no commercio, não se casam, e quando o fasem e tem filhos naturalisam-nos debaixo da bandeira de suas respectivas nações, o que é prejudicial ao Brasil, e até uma quebra de sua dignidade nacional. Mas ainda assim, os naturaes parece gostarem mais de quem falle uma lingua, que elles não entendem, do que daquelles que lhes deram o ser! São coisas que se não podem definir, mas que eu não ignoro completamente, pois ha 12 annos que lhes conheço as tendencias.

Hoje mesmo appresenta-se no Brasil uma disposição favoravel para Portugal: o enthusiasmo pela emigração para Africa é grande e não inferior o desejo de apurar capitaes; convinha pois auxiliar, quanto fosse possivel, estas duas coisas.

Em 25 de Maio deste anno, partiram de Pernambuco para Mossamedes 147 portuguezes e entre elles 25 familias: esta gente fez despesa ao governo portnguez, mas esta despesa será, sem duvida recuperada pelas vantagens, que se espera colher daquelle ponto importante. A honra desta expedição cabe ao ministerio do Sr. Duque de Saldanha: foi um grande serviço que prestou ao paiz e de futuro se verá. Qualquer outro que o imite, sempre merecerá louvores, e não seria eu que lhos negasse, fosse qual fosse a sua côr politica.

As noticias, que de Mossamedes vieram, dadas pelos proprios colonos, são as mais satisfatorias e animadoras; acharam um acolhimento verdadeiramente hospitaleiro e de irmãos, terras superiores ao que esperavam e um governador illustrado e benigno. Isto tem animado os portuguezes de Pernambuco, que estão tractando de organisar segunda expedição á custa de particulares. D'aqui do Maranhão, vae agora para Lisboa uma assignatura de grande numero de mancebos, com officios e outras habilitações, pedindo ao governo passagem para Africa.

Todas as provincias do sul, onde ha maior quantidade de portuguezes, seguirão este exemplo; e se o governo attender, como deve, taes representações, depois das primeiras partidas, seguir-lhes-hão outras, sem que para isso lhe seja preciso fazer mais sacrificios, porque muitas pessoas, que teem alguma pequena fortuna, desejam retirar-se e estão na expectativa.

Á vista destas tendencias, destes factos, que são verdadeiros, posto que forçados pelas circumstancias attenuantes do Brasil, como pois aconselhar a emigração para um paiz, que ameaça ruina, e forçar o governo a gastar quantias consideraveis, que tão precisas lhe são, para arrancar esses infelizes emigrados á perseguição e á miseria?

Estou alguma coisa conforme com o que diz o auctor do artigo, na ultima parte delle, ainda que parece não bastarem as bases de um tractado para unir dois povos, a ponto de se respeitarem com reciprocas affeições.

E findarei dizendo, que toda a emigração portugueza para o Brasil é de incalculaveis resultados a favor deste paiz, e de reconhecido prejuiso para Por-

tugal. Se póde haver alguma vantagem é de um ou outro individuo e não da patria commum.

O governo e o jornalismo portuguez devem tomar na mais alta consideração esta materia importante.

Maranhão 24 de Novembro de 1849.

UM DESTERRADO.

ENSAIO DA PREPARAÇÃO DO COBRE COM PHOSPHORO.

288 O Dr. Percy, analysando uma pequena amostra de cobre, a que ajuntára no estado de fusão um pouco de phosphoro, achou que o metal conservara quantidade consideravel desta substancia, e tambem uma porção proporcionalmente grande de ferro da varinha com que mechêra o mixto cada vez que lhe ajuntava o phosphoro. O cobre de que usou na experiencia era da primeira sorte, e parecia mais duro que o preparado com arsenico.

A analyse de 116 gráus deu em resultado.

Phosphoro	0,93
Ferro	1,99
Segunda analyse forneceu:	
Cobre	95,72
Ferro	2,41
Phosphoro	2,41

Passava por certo havia muito tempo que uma quantidade mui tenue de phosphoro fazia o cobre extremamente duro e proprio para instrumentos cortantes, mas o Dr. Percy não tivera occasião até alli de ensaiar a preparação.

O mesmo auctor deu publicidade a algumas experiencias feitas em Portsmouth pelo capitão James relativamente ao valor economico do cobre combinado com o phosphoro; esta composição foi muito menos atacada pela acção corrosiva da agua do mar do que outras ligas e amostras de cobre submettidas ás mesmas experiencias. — Este facto importante deve suscitar novos ensaios e indagações, por quanto é de grande importancia para a navegação maritima atenuar ou previnir a acção corrosiva da agua salgada sobre o cobre do forro das embarcações.

NOVOS MORDENTES PARA TINTURARIA.

289 Estes mordentes, experimentados por M. Carteron, são destinados a substituir na tinturaria o cremor de tartaro e a mistura deste com a pedra hume, de que actualmente se usa. — São quatro e preparam-se deste modo: —

1.° Dissolvam-se 18 partes (calculadas a pezo) de sal commum e 9 de acido tartrico em 67 de agua a ferver; ajuntem-se-lhe 18 partes de acido acetico do trivial no commercio. Dois arrateis e tres onças deste mordente equival a egual pezo de cremor de tartaro, e emprega-se do mesmo modo para a côr carmezim e todas as encarnadas.

2.° Tomem-se duas partes do residuo das fabricas de acido nitrico (que consiste principalmente em sulphato de soda) e uma parte de pedra hume: triture-se e misture-se tudo. Quatro arrateis e cinco onças deste mordente corresponderão a metade deste pezo de cremor de tartaro e serve do mesmo modo para as côres azeitonadas e todas as escuras.

3.° Triture-se e ligue-se uma parte do residuo do fabrico do acido sulphurico feito com o nitrato de potassa e cinco partes de sal marinho. Emprega-se nas mesmas proporções que o segundo mordente em relação ao cremor de tartaro; mas serve só para as côres pretas ou muito carregadas.

4.° Diluam-se 6 partes de sulphato de aluminia, 3 de acido nitrico, e uma parte de lexivia caustica a 24 gráus de Baumé, em pouco mais de 28 canadas de agua. Emprega-se para toda a casta de côres verdes, e na proporção de tres quartilhos por 24 arrateis de pezo dos tecidos ou fazendas.

O XAROPE DO BOSQUE.

290 O Xarope de Bosque parece não corresponder aos maravilhosos effeitos, que delle apregoaram os annuncios dos jornaes. Da Lousada escreveu-nos, ha tempos, o Sr. Antonio Augusto da Silva Moreira, queixando-se dos maleficios do dito Xarope, e attribuindo-lhe uma grande influencia na prematura morte de um seu parente proximo.

Não publicámos immediatamente a correspondencia do nosso assignante, por que esperavamos vêr nos jornaes de Medicina os resultados das experiencias, a que um cirurgião desta capital dissera que procedia. Depois, além da incompetencia desta REVISTA, tambem não encontrámos na observação que nos foi remettida aquella individuação de que carecem em geral todas as observações medicas para poderem provar alguma coisa.

Hoje porém, como já de mais algum facto havemos noticia, em que o Xarope de Bosque tem sido prejudicial, declinamos perante o publico toda a responsabilidade do annnucio que neste jornal fizemos deixando-a inteira para os homens da arte, que com ella podem e lhes compete de justiça.

Nós franqueamos as columnas da REVISTA a tudo o que directa ou indirectamente póde interessar á humanidade, e o Xarope de Bosque, com a carta de naturalisação que lhe passou o facultativo a que acima alludimos, pareceu-nos estar no cazo. O nosso assignante queixa-se da producção exotica, que abreviou os dias do seu parente enfermo: por nossa parte tambem com ella nada sympathisamos, como sabendo de antemão o juizo que os bons medicos fazem dos pretenciosos especificos da phtysica.

Assim póde ficar certo o nosso assignante, de que temos o Xarope de Bosque em tanto valor, quanto merece ao *Bibliophilo*, que assim o estima nas seguintes phrases. — « *Xarope de Bosque. Impresso avulso n'um quarto de papel, encarecendo os milagres de tal xarope, que não contem mercurio, nem opio (negamos a pés juntos) e outro qualquer ingrediente venenoso; mas é feito somente de raizes e hervas, e os seus effeitos são admiraveis e triumphantes. É um grande remedio (diz o novo Dulcamara) em uma palavra descubriu-se o segredo; a phtysica cura-se. Seculo ditoso!! contas duas grandes descubertas: o Xarope de Bosque, e a Pomada*

de Saul, feita de rebentões de cedros pelo tosquiador Baron, segundo um papyro!!!» T. DE C.

BALÕES PARA TRANSMITTIR NOTICIAS.

291 Os navios britannicos *Enterprise* e *Investigator*, no dia 12 de janeiro ultimo, estavam quasi promptos a sahir para a viagem de exploração aos mares do polo do norte, em demanda da expedição commandada por sir John Franklin, que tem sido objecto de tantas pesquizas, e de que se tem colhido tão vagas noticias. A bordo de cada um daquelles navios metteram-se 150 aerostatos. São balões de pequena dimensão, tendo apenas quatro a cinco pollegadas d'altura, destinados com especialidade para espalharem avisos impressos por um espaço mui vasto. Para este fim, cada um dos balões na parte inferior é guarnecido de um circulo de folhas de ferro orlado de murrão de artilheiro, donde sahem cem fios, que levam nas extremidades um boletim em um papel de côr, e de 5 pollegadas d'altura por duas de largo, contendo a noticia ou aviso que se pertende transmittir.

Despedindo o aerostato, accende-se a mécha ou murrão, que arde lentamente, e á medida que se consome despegam-se os fios com os boletins, o vento os arroja, e vão cahir em sitios mui afastados uns dos outros. O papel é de diversas côres, á excepção do branco, porque impediria descobrir-se a distancia o boletim cahido sobre as neves ou gêlo.

Em Woolwich fizeram-se ensaios com balões portadores de boletins, e deram os mais completos resultados: foram achados em terra a distancia de 100, 150, e mais leguas.

Os *Enterprise* e *Investigator* vão providos de material typographico para imprimirem os annuncios e avisos, que devem ser expedidos pelos balões, os quaes em rasão da densidade do ar nas regiões arcticas, não precisam de muito gaz para subirem a grande altura.

Se a expedição de Franklin fosse munida destes meios de commnnicação, teriamos sem duvida noticias suas ha muito tempo, porque os baleeiros teriam encontrado os boletins ou em terra, ou sobre o gêlo, ou mesmo boiando nas aguas; achar-se-hiam tambem no poder dos esquimaus, que os conservariam por curiosidade em rasão das côres do papel.

Cada um dos navios da nova expedição vae tambem fornecido com seu aerostato de grandes dimensões, acompanhado de barca, para o caso de julgarem necessario os commandantes fazer uma ascensão afim de reconhecerem ao longe o estado do mar e dos gêlos. O tenente Gale da marinha real foi o instructor dos commandantes M. M. Collinson e Mac-Clure em a arte aeronautica.

As equipagens vão emmestradas no manejo d'artilheria, porque a expedição não intenta recorrer ao penoso trabalho do córte de serra para abrir passagem no gêlo, e procurará rompe-lo a tiro de bala, que se empregará ardente em caso de necessidade.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XII.

A Calcanhares.

292 Fóra das portas da Ribeira, mesmo á borda do Tejo, ficava uma caza de boa apparencia, precedida por um pateo cercado de altos muros, cuja porta, grossa e reforçada de enormes pregos, deitava para um largo pequeno e solitario. Esta caza estava caiada com esmero, e as suas janellas, fechadas de alto a baixo por gelosias verdes, faziam lembrar um serralho do Oriente.

A riqueza das armações e moveis desta caza era realmente digna de um palacio de fadas. O precioso das alcatifas, a profusão dos veludos e damascos, das franjas de oiro e rendas de prata, a magnificencia dos lustres e candelabros, dos leitos de ebano chapeados de oiro e dos estrados cobertos de riquissimas télas, as ondas de luz que por toda a parte se reflectiam nos espelhos, e os perfumes que se exhalavam das caçoulas de oiro, tudo contribuia para tornar esta caza similhante ás encantadas habitações, que os poetas sonham quando os inspira o amor.

No fundo de todas as magnificas salas, espaçosas e brilhantemente illuminadas, que formavam como uma galeria de um ao outro extremo da caza, havia um camarim, ornado de brocado e veludo branco, entrelaçado de perolas, e relevado de bordadura de oiro. Este camarim, debilmente illuminado pela luz rosada de uma lampada de alabastro, e onde o perfume do ambar se misturava com a fragrancia das flôres, mais parecia o sanctuario de uma divindade, do que a habitação de uma mulher. E divindade parecia a formosa Calcanhares, vestida de branco, com os negros cabellos apenas sustidos por fios de perolas, o seio mal coberto de uma finissima renda, meio recostada n'um estrado sobre uma pilha de almofadas de veludo branco, e com os pés pequenissimos, quasi escondidos n'um tapete de arminho.

A fisionomia de Margarida estava animada por um sorriso angelico e puro como o de uma virgem; os seus olhos exprimiam, ao mesmo tempo, a paixão, a doçura, e o casto pudor, quando disse a um velho vestido com os habitos de S. Bento, que estava sentado junto della:

— Amo-o, Fr. Pedro, amo-o muito!

— Sem o conhecer! — atalhou o Frade.

— V. R. não sabe que um coração de mulher precisa amar; que o amor é a vida? Perdoe-me, Fr. Pedro — proseguiu a Calcanhares, pondo a mão tremula sobre o braço do frade — perdôe-me o fallar-lhe destas coisas; mas não tenho, não tenho ninguem a quem confiar os meus segredos, a quem possa dizer livremente os meus padecimentos. Estou só no mundo; separaram-me de todos... de quantos me estimavam. Ai! Quem me déra poder voltar agora para o meu convento!

— Pobre Margarida! — murmurou Fr. Pedro de Sousa. — Tem paciencia, minha filha. Sei que soffres, mas Deus conhece a tua innocencia...

— Mas todos me despresam! Ainda outro dia nos toiros... Jesus! Que vida esta! — E uma lagrima de immensa dôr se lhe desprendeu dos olhos, e brilhou como um diamante ao escorregar-lhe pela face palida.

— A tua cruz é pezada, bem n'o sei. Lembra-te porém que um reino todo te deve talvez a sua liberdade, e que um dia o céu te ha de dar o premio da tua resignação.

— Nunca me custou tanto, nunca me foi tão dolorosa esta minha minha situação. Desde que vi aquelle mancebo, de que fallei a V. R. — proseguiu a Calcanhares — sinto-me mudada; sou outra. Agora quizera parecer pura, ser digna do seu amor. É um martyrio que excede muito as minhas forças, este martyrio a que me condemnaram! Quando me tiraram do convento, quando Manuel Antunes me foi buscar por ordem de El-Rei, era eu innocente; não sabia que me queriam lançar n'uma vida de opprobrio e infamia. Enganaram-me... enganaram uma pobre rapariga, orfã e sem apoio. Foi aquelle... aquelle demonio; foi Henrique Henriquez esse homem sem honra, esse escravo vil e abjecto, foi elle o culpado de tudo. — Os olhos de Margarida estavam encendidos pela cholera, e os labios brancos, descerrando-se a custo, deixavam ver os alvos dentes convulsivamente apertados.

— Foste destinada pela Providencia para ser o anjo da guarda deste reino. Se não fosses tu, El-Rei ter-se-hia perdido de todo; e não escutaria os prudentes conselhos de meu sobrinho.

— É tempo já de me darem a liberdade — disse a Calcanhares, inclinando a cabeça com desalento. — Até aqui fui um instrumento docil na mão do Sr. Conde de Castello-Melhor; nunca me queixei, não murmurei nunca contra a hora em que me condemnaram a parecer criminosa, sendo eu innocente, a ser despresada e odiada por um povo inteiro, quando merecia só ser querida por elle. Mas agora, Fr. Pedro, agora não posso conformar-me com a minha sorte. Não me bastam as consolações da consciencia. Se Francisco d'Albuquerque é digno do amor, que eu tenho por elle, desprezar-me-ha como me despresam, e ainda que lhe eu jure que sou innocente, ainda que lhe conte a verdade, não me accreditará. — Oh! Eu não suppunha que se podesse amar assim um homem sem n'o conhecer, sem nunca se quer lhe ter fallado! Mas o meu pobre coração tinha necessidade de amar; já não podia supportar por mais tempo a solidão.

— Se sabem desse amor — disse o frade com interesse — pode ser que esse mancebo...

— Que o matem, que o assassinem como fizeram a esses infelizes, que ousavam olhar para mim, e affrontar a cholera de Henrique Henriquez, não é assim? — perguntou Margarida. — Fr. Pedro, tenho fé na sua virtude. V. R. é tio do Sr. Conde de Castello-Melhor, mas não é capaz de trahir...

— Minha filha... — interrompeu o velho, pegando na mão da Calcanhares.

— Bem n'o sei, senhor; conheço a bondade da sua alma. Ainda me não esqueceram as palavras magoadas, as santas e consoladoras palavras que me disse, quando pela primeira vez me viu depois da minha saída do convento. É aos seus conselhos, á sua amizade de pae, — permitta-me que lhe dê este nome, Fr. Pedro, e aos puros principios de religião que me ensinem, que eu devo o não estar a esta hora perdida de todo, para me não poder salvar. — Sei que me ha de guardar este segredo, que lhe confiei: espero que me guie por estes novos caminhos em que entrou a minha vida agora.

— Conheci-te ainda creança, Margarida — disse o Frade, enxugando uma lagrima que lhe descia lentamente pela face. — Então eras tu um anjo, pura e casta como os anjos do céu. Vi-te crescer ao pé do altar; vi-te amada pelas tuas companheiras do convento e estimada pelas tuas superioras; tenho-te amizade, quero-te como se fosses minha filha. A minha dôr foi immensa, Margarida, quando soube que te tinham arrancado do asylo, onde a tua innocencia estava ao abrigo das seducções mundanas, para te

lançarem nos braços de El-Rei. Tive medo que te perdesses de todo, e quiz salvar-te. Tu bem sabes quantas queixas amargas, quantas accusações severas eu fiz ao Conde. Mas elle não tinha culpa: Henrique Henriquez é quem tinha fallado de ti a Sua Magestade; fôra elle quem mandára Manuel Antunes ao convento, quem te entregou a El-Rei. Pobre Margarida! Foste victima da ambição de um homem..

— O Sr. Conde de Castello-Melhor — atalhou Margarida — podia-me ter livrado da deshonra, ter-me mandado outra vez para o convento.

— O Conde é ministro — respondeu Fr. Pedro de Sousa: — e deve antes de tudo cuidar dos interesses do reino. Meu sobrinho viu a influencia, que pela tua formosura adquiriste sobre o espirito de Sua Magestade, e quiz aproveitar-se della para trabalhar mais seguramente para o bem da nação. Fui eu mesmo — proseguiu o confessor de Affonso VI — fui eu que te aconselhei ajudasses o Conde na sua dificil tarefa. — Deus me perdõe, se te dei um máu conselho; as minhas intenções eram boas. — O mal já não tinha remedio: as portas do convento já se não podiam abrir para te receber, sem que te cobrisses primeiro com o habito da penitencia.

— Mas eu estava, estou pura...

— Sei-o eu, e sabe-o Deus. O mundo — accrescentou o frade — julga-te criminosa e condemna-te.

— Ai! É isso mesmo; é essa idéa que me mata! — bradou a Calcanhares pondo-se de subito em pé. — Todos me criminam, e eu sou innocente. Todos me julgam feliz e eu padeço. Todos me despresam, todos me odeiam, e eu sinto em mim um amor infinito. — Em nome de Deus, Fr. Pedro, em nome de Deus lhe peço que interceda com o Sr. Conde para que me deixe livre, para que me deixe amar como amam as outras mulheres. — El-Rei está casado; agora já não precisam de mim. Tenho servido o Sr. Conde de Castello-Melhor com zelo, á custa da propria honra, e nunca o trahi. Mas agora... se não fosse uma fraca mulher sem apoio, guardada nesta caza como uma captiva por um carcereiro sem alma, fugiria para longe, para muito longe daqui. Tenho até medo de amar! — exclamou Margarida, passando da exaltação ao abatimento. — O meu amor póde dar a morte. Henrique Henriquez ama-me, Fr. Pedro; e como eu tinha despresado o seu amor, ha-de querer-se vingar de mim. Peço-lhe...

— O que queres, o que me pedes? — perguntou o confessor de El-Rei, pegando nas mãos tremulas da Calcanhares.

— Ainda não ousei dizer a V. R., por que supliquei que viesse fallar-me. Tem-me faltado o animo; mas agora é preciso confessar-lhe a verdade. Esta noite — murmurou a Calcanhares cahindo quasi de joelhos aos pés do Frade — Francisco d'Albuquerque ha-de vir a esta caza.

— Que fizeste, minha filha? — exclamou o Frade. — A tua puresa...

— A puresa da amante de El-Rei! — interrompeu Margarida, com um riso convulsivo misturado de prantos. — A puresa da Calcanhares, da mulher vilipendiada...

— Mas a tua consciencia...

— A consciencia diz-me que Deus ha-de perdoar-me se eu peccar; porque me arrastaram ao peccado. Não posso viver mais tempo sem amar.

— Esqueceste que punhas em perigo a vida desse homem chamando-o aqui?

— Não... não sei se me esqueci. Foi uma loucura, bem o sei; mas que não tem já remedio.

— Esquece esse amor, Margarida. Manda-lhe dizer que não venha.

— Oh! isso não faço eu; não o posso fazer, Fr. Pedro.

— Se El-Rei o sabe...

— Não o saberá ninguem, se V. R. pedir ao Sr. Conde... — Eu bem sei que lhe não devia fallar nestas coisas: mas V. R. é o meü unico protector. É por sua causa, que eu estou ainda aqui, que ainda me não fui esconder na cella de um convento. — V. R., — proseguiu a Calcanhares — não ha-de deixar assassinar um pobre mancebo innocente. O sangue desse homem, se elle morresse hoje ás mãos dos da patrulha de El-Rei, havia de caír com eterno remorso na consciencia do Sr. Conde de Castello-Melhor.

Fr. Pedro de Sousa ficou um instante perplexo, sem saber o que havia de resolver naquella difficil situação. A inabalavel resolução da Calcanhares, a exaltação daquelle amor repentino, que elle sabia ser o primeiro, tudo desarranjava singularmente os calculos egoistas do confessor de El-Rei. O Frade tinha na verdade amisade a Margarida; mas receava muito que este amor fosse causa de seu sobrinho, o Conde de Castello-Melhor, perder um dos mais poderosos meios que tinha para influir no animo de Affonso VI. Com tudo, como a idéa de contribuir, ainda in-

directamente, para a morte de um homem, lhe assustava a consciencia, pouco melindrosa mas não depravada, Fr. Pedro decidiu-se a ir fallar ao valido, naquella mesma noite, para evitar a catastrofe, que sem isso a Calcanhares receava que succedesse.

— Vou, Margarida, vou já ter com o Conde minha filha — disse o Frade encaminhando-se para a porta. — Estou certo de que em pensando melhor, has-de vencer um amor que ha-de vir a ser fatal a todo este reino. Foi vontade de Deus que te tirassem do teu convento. O Senhor, Margarida, deu-te a cumprir uma penosa missão; deves sujeitar-te á sua santissima vontade. — E sem escutar a resposta da Calcanhares, Fr. Pedro atravessou as salas, e desceu ao pateo.

A Calcanhares seguiu o confessor de El-Rei a passos lentos até á ultima sala; e esperou alli n'uma janella, que elle saísse do pateo na sua cadeira de quatro homens. Apenas saíu, fechou a porta, correu a vêr que horas eram n'um magnifico relogio, que estava ao canto da sala; e como passava de nove horas, chamou pela sua aia, que era tambem a confidente dos seus segredos, para lhe ordenar que fosse imediatamente ás portas da Ribeira, onde a devia estar esperando o capitão Francisco d'Albuquerque.

A aia, ligeira e jovial rapariga, que adorava sua ama, e morria por intrigas de amor, embuçou-se n'um manto preto de bioco, e saíu quasi correndo por uma portinha que deitava para a praia, e de que a Calcanhares tinha mandado fazer uma chave falsa, para escapar á ciosa vigilancia de Henrique Henriquez.

A amante de Affonso VI, voltando para o magnifico camarim, onde estivera com Fr. Pedro, esperou alli tremula e desassocegada por Francisco d'Albuquerque. Margarida tinha muita confiança na sua formosura para suppor um instante sequer, que o moço capitão a não admiraria; mas receiava que a essa admiração se misturasse o despreso, que a não julgasse digna de affectos puros, que lhe não desse um amor egual ao que ella sentia; ardente, apaixonado, mas casto e todo da alma.

Apenas ouviu abrir-se a portinha, por onde tinha saído a aia, e sobirem duas pessoas a escada que dessa porta conduzia á sala immediata ao camarim, sentiu faltarem-lhe as forças, e cahiu sem alento sobre as almofadas do estrado.

Francisco d'Albuquerque entrou no camarim; a Calcanhares estava quasi deitada sobre uma pilha de almofadas de veludo branco; o seu rosto pallido e alvo como o jaspe, confundir-se-hia, á branda luz da lampada de alabastro, com as télas em que estava meia escondida, se não fossem as ondas de cabellos negros que a cercavam, e os olhos semi-abertos que brilhavam incertos por entre as longas pestanas. O desalinho das roupas, o braço direito, bello como o de uma estatua, caindo para fóra do estrado, a flexibilidade e puresa de todas as linhas que indicavam uma perfeição digna de ser admirada na Grecia antiga, tudo dava a esta mulher um tal encanto, que o moço provinciano julgou ter diante de si uma fada ou uma princeza encantada.

Francisco d'Albuquerque, depois de um instante de immobilidade e admiração, foi ajoelhar ao pé de Margarida, e, pegando-lhe na mão, deu-lhe um beijo tão ardente que a fez vibrar como por um choque electrico. Ao tornar a si, fitou no Capitão os seus lindos olhos negros, murmurando:

— Foi o amor, um invencivel amor!..

— Como o meu! — exclamou o mancebo.

— Eu não devia... fazer o que fiz — disse ella. — Mas a morte val mais do que a existencia que eu levava aqui só. Tinha precisão de amar, para poder viver!

— Como é formosa! Quem a não ha-de amar!

— O amor, que eu desejo é um amor puro... — Ha de tambem julgar-me, indigna delle, Senhor. Todos pensam que sou uma mulher criminosa, infame; e não sou senão uma desgraçada! Todos, todos se enganam, e todos me despresam. — E escondendo o rosto entre as mãos, a Calcanhares poz-se a chorar amargamente.

— Que tem? Que prantos são esses? — perguntou-lhe o Capitão, sentando-se no estrado, e beijando-lhe de novo a mão.

— Não sei. Sou mais feliz agora do que nunca fui; e comtudo parece que se me quebra o coração no peito. É a primeira vez, talvez o não accredite, mas é a verdade — disse ella apertando nas suas as mãos do Capitão — é a primeira vez que entra neste camarim um homem, a não ser Fr. Pedro, o meu confessor. É, hoje, aqui que digo pela primeira vez a um homem, que o amo, que lhe quero mais do que... a Deus. — A estas palavras, Margarida deixou cair bran-

damente a cabeça sobre o hombro de Francisco d'Albuquerque.

Attonito do que via, fascinado pela prodigiosa belleza de Margarida, inquieto, sem ousar ter confiança no que ella lhe dizia, mas subjugado inteiramente pela força irresistivel de uma paixão nascente, o moço Capitão não se atreveu a romper o silencio que se seguiu a estas ardentes palavras. Era infinito o prazer que elle sentia em escutar o suave murmurio da perfumada respiração da Calcanhares. A sua bocca foi-se, pouco a pouco, aproximando dos cabellos da mulher encantadora, que enlaçár nos braços tremulos, estreitando-a ao coração; até que n'uma convulsão de amor, depoz sobre elles um beijo de fogo. Margarida, ao sentir os labios de Francisco de Albuquerque tocar-lhe nos cabellos, levantou subitamente a cabeça. Então os dois amantes trocaram um olhar de suprema ventura; e um novo beijo terminou a phrase de amor que os olhos tinham começado.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa)

O SUICIDIO.

Ao meu amigo, o Sr. L. A. Palmeirim.

Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The stings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,
And by opposing end them?

Shakspeare.

293 Mancebo, teu passo incerto,
Teu magoado parecer,
Dizem, que ondêas afflicto,
Nos mares do padecer.

Vaes, (dizes tu) em juizo
Dar a vida a quem ta deu:
Se em juizo, os mais roubamos,
Ninguem rouba o que é seu.

Se marchas, com passo incerto,
Como vaes tu em socego?
Por que te lembras da vida,
Se já lhe não tens apêgo?!

Buscas, o termo a teus males
No porvir, que a morte dá;
Mas, desse paiz das sombras,
Que romeiro veio já?

Quem disse, que além da campa,
Da vida as penas dão fim?
Que o fio do mal se quebra,
Que a sepultura é jardim,

Onde reflexos tremulam
Dos raios, que a lua envia,
Nas aguas depositadas,
Em eliptica bacia?

Onde vive, namorando
O nascer e o pôr do sol,
No trinar de seus gorgeios
O plumoso rouxinol?

Onde, a viração ligeira,
Em doce beijo fremente,
Da flor o calice abrindo,
Roubando á flor a semente,

Converte o furto em riqueza,
Uma só morte fingindo;
Em cada bágo, mil flores,
Mil vidas reproduzindo?!

Olha, se o cantor divino
Tão querido meu e teu,
Tasso, por vingar despresos,
A si proprio a morte deu.

Não deu, não: soffrendo tanto,
Poz no céu toda a vingança;
Com fé viva, a Deus s'offerece;
E se pena, — em Deus descança.

¡ Justiça! — Já Roma applaude.
Clemente desce do sólio,
Vae por suas mãos sagradas
Coroal-o no capitólio.

Já é tarde! Mundo injusto
A corôa, que outros honrára,
Não quiz Deus, que honrada fosse,
Pelo cisne de Ferrára.

Melhor corôa, que não murcha,
Cinge, ó Tasso, a tua fronte:
Claro sol, de nuvens puro,
Eterno, — sem horisonte.

— E o cantor de tuas glorias,
Portugal, o teu Camões?
O filho, que á mãe deu vida,
O melhor de seus brasões?

Coitado! padece, esmolla;
Vê a patria que desaba;
Roga a Deus, que o chame, o leve;
Assim morre; a patria acaba. . .

Oh! mas nunca o termo solta,
Da propria destruição;
Termo, que os braços armára
De Gilbert, e de Catão.

Vê no céu juiz seguro,
Do que fez, do que lhe fazem;
E resigna-se, e recebe
As esmollas, que lhe trazem

Pois covarde, ninguem diga,
Esse braço, ás armas feito,
Maior esforço não houve,
Nunca teve humano peito.

Vêde-m'o, a vencer as ondas
Empregando uma só mão!
A perder o sangue, a vista. . .
¿ Mais valor teve Catão?

Acaso foi mais mais romano,
Do que o nosso — portuguez?
Fez Catão mais pela patria,
Do que o nosso Camões fez?!

— Vêr extincto, o que mais ama,
Quebra o animo a Catão;
Dor maior Camões affronta,
É maior seu coração.

Um, vendo a patria que morre,
Foge á dor de a vêr morrer.
Outro ainda ao vel-a morta,
Vive para a defender!

— Mancebo, suspende o passo;
Se em teu braço vae a morte,
Desarma-o: talvez em pouco,
A ti volva amena sorte.

Ingrato, não menosprezes
O presente do Senhor:
Vê, que as féras o conservam;
Não queiras ser-lhe inferior.

No painel da vida humana,
Tens quinhão a preencher.
Que luz, que sombra te caiba,
Toma a sorte por dever.

Embora, duro tormento
Afflija teu coração;
Põe em Deus os olhos d'alma,
Mais força terás então.

Duvidas? Medita o livro,
Das acções de teus avós,
Dir-me-has, se elles mentiam,
E se não mentimos nós!

Abre as paginas modernas:
Verás o lume evangelico,
Nas trévas, alumiando
As Prisões de Silvio Pellico.

A cada martirio novo,
A cada mortal ferida,
Um novo raio d'esperança,
Surgindo de novo a vida!

Lê, medita esse thesoiro
De moeda sem egual;
Que o bem da vida não vende,
Não compra da morte o mal.

Dir-me-has, que mais esforço,
Se a coragem do suicida,
Se vivendo atormentado,
Martyr ser da propria vida.

Mafra — Janeiro de 1850.

J. DA C. CASCAES.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

24 a 31 de Janeiro.

DIARIO N.º 26.

294 Decreto approvando o Regulamento da Administração da Fazenda publica nos Districtos do Continente do Reino e Ilhas adjacentes.

DESTRUIÇÃO DE PIRATAS.

295 As noticias da China, ultimamente recebidas na capital da Grã-Bretanha, mencionam a completa destruição da frota dos piratas pela esquadra ingleza. 58 juncos de alto bordo foram mettidos a pique, e tomadas ou arrojadas ao mar 1,200 peças de artilheria. Pereceram no combate 1,700 piratas, 1,500 buscaram

salvação na costa do golpho que entra pelo reino de Tonquin; o chefe principal pôde evadir-se.

PROGRESSOS DA TELEGRAPHIA ELECTRICA SUBMARINA.

Lê-se na *Presse* de 26 de Janeiro: —

296 Já se não trata sómente de estabelecer o telegrapho electrico entre a França e a Inglaterra; projecta-se a audaz empreza de uma similhante linha de communicação entre a Inglaterra e os Estados-Unidos. Em Nova-York concebeu-se este pensamento arrojado, e para realisal-o requerem-se tres milhões de dollars. A communicação se fará debaixo de agua por meio de 36 fios de cobre cobertos de gutta-percha, cuja duração os emprezarios garantem por espaço de dez annos; e promettem os mesmos começar o serviço da linha antes de findos 20 mezes. A extensão total dos fios, sendo reunidos ponta com ponta, daria 40,000 leguas, isto é mais de quatro vezes o circuito do nosso globo.

VIAGEM DE CADIZ Á CHINA EM 45 DIAS.

297 Todos sabem que os vapores inglezes da Companhia Peninsular e Orientat saem de Inglaterra a 20 de cada mez, com escala por Gibraltar, Malta e Alexandria, e que os passageiros atravessando o isthmo vão embarcar nos magnificos vapores que de Suez os transportam á India.

Cumpre accrescentar para completa noticia que os mesmos paquetes fazem escala pela ilha de Ceylão, donde sahe immediatamente outro vapor da mesma empreza para Singapura, ou Hong-Kong na China. Quem quizer viajar até Manilha, seguindo a mesma derrota gastará pouco mais de cincoenta dias, por quanto em Singapura ou em Hong-Kong acharão facilmente navio para Manilha, sendo o trajecto egualmente curto de qualquer dos ditos portos.

RELOGIO ELECTRO-MAGNETICO

298 M. Paul Garnier appresentou á Academia das Sciencias um systema de relogio electro-magnetico; e a commissão nomeada para examinal-o emittiu um parecer muito favoravel ao inventor.

Consiste em pôr em movimento uma serie de relogios ou para melhor dizer, de indicadores horarios por meio de um relogio typo ou primitivo, empregando a electricidade, e sem que este mysterioso agente perturbe o andamento daquelle. Uma fonte electrica permanente produz n'um fio metalico uma corrente electrica, em que estão collocados o relogio-typo e os indicadores horarios, cujo numero e distancias intermediarias são limitadas. Ao lado do jogo de rodas que mede o tempo, M. Garnier ajuntou um novo jogo, a que chama auxiliar, e que tem por fim interromper successivamente e por intervallos regulares a circulação da corrente. Cada um dos indicadores ou mostradores das horas é provido de um electro-iman, em redor do qual se enrola o fio conductor. Cada vez que o relogio-typo permitte a circulação da corrente, o electro-iman adquire a propriedade de attrahir uma pequena travessa de ferro temperado, á qual adhere a alavanca que toca n'um dente da roda Catarina encarregada de pôr em movimento os ponteiros.

No intervallo seguinte intercepta o relogio-typo a circulação da corrente; o jogo deixando de ser attrahido torna a ficar no seu logar e a roda Catarina fica immovel, para depois repetir o seu movimento no intervallo seguinte e assim successivamente. Afim de prevenir os erros que poderiam resultar de passar muitos dentes de uma vez, M. Garnier ajuntou á alavanca adherente ao jogo uma especie de ancora, que engata as unhas nos dentes da roda Catarina, para fixar invariavelmante o andamento e dar completa segurança ao mecanismo.

Supponha-se agora que se passa um fio electrico do relogio-typo collocado em Paris para Bordeus, Marselha, Strasburgo, Lille etc., instantaneamente será marcada a hora de Paris pelos relogios da dicta cidade, sem erro algum, adoptado o systema.

Cabe portanto a M. Garnier a honra de realisar praticamente e com pouco custo o meio de obter a hora exacta, porque se comprehende facilmente que a simplicidade de seu aparelho e sua facil installação offerecem vantagens pecuniarias incontestaveis sobre o antigo systema de relojoaria.

É por isso que este invento foi acolhido pela empreza do caminho de ferro do norte da França, onde todos os relogios das estações são movidos *galvanicamente*. O caminho de ferro de Chartres acaba de adoptal-o. E os de Versailles, Ramhouillet e Maintenon seguem o exemplo. O conselho geral das obras publicos, n'um relatorio dirigido ao ministro competente, testimunha o desejo de ver applicado este systema aos edificios publicos. Não tardará que se amplie este beneficio aos edificios particulares, e não haverá casa onde não se vá saber a hora, assim como se vae buscar a luz e a agoa, a um deposito commum. É a mais fecunda das applicações da electricidade aos usos da vida.

ESTRAGOS DO INVERNO EM HISPANHA.

299 A provincia de Murcia e as immediatas de Almeria e Alicante, tem sido flagelladas ha dois annos pela excessiva sêcca. Na segunda, as raras cabeças de gado que escapavam eram sustentadas com esparto resequido, queimadas como estavam as pastagens. — Agora sobreveio o rigor de um inverno extremamente frio e falto de aguas, que completa a devastação dos campos, que vão ficando desertos. Segundo noticias de 24 de janeiro, as fortes geadas dos dias precedentes deram cabo das arvores, especialmente larangeiras e limoeiros.

A miseria é espantosa naquellas provincias, aggravando-a cada vez mais a desmedida carastia dos generos de primeira necessidade.

Consta de Ayamonte, na mesma data, que as rijas ventanias septentrionaes e os frios intensos, que alli reinaram desde meado de Dezembro até 16 do passado, além das molestias e mortes prematuras que causarám, fizeram mui graves prejuizos nas sementeiras arruinando totalmente os favaes. Do mesmo modo houve grande perda na laranja, porque além do damno que

lhe causa as geadas, os vendavaes da segunda semana de Janeiro deitaram abaixo mais de metade desta fructa.

Aos gados não pequena parte coube da crueza da estação; como os pastios se queimaram com as neves, morreu muito por falta de alimento, e o que resiste ainda acha-se na maior magreza.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

300 *Londres* 26 *de Janeiro* — Os consolidados, para conta de 14 de Fevereiro, abriam a $96\frac{1}{2}$ — $\frac{1}{4}$ e fecharam a $96\frac{1}{4}$ — $\frac{5}{8}$. Ficaram os $3\frac{0}{0}$ hispanhoes a $36\frac{5}{8}$, e os $4\frac{0}{0}$ portuguezes a $37\frac{1}{4}$ — $\frac{3}{8}$.

Os especuladores da bolsa queixavam-se de que os capitalistas hollandezes foram favorecidos e obtiveram parte mais importante no emprestimo russiano do que os inglezes. O dito emprestimo sustentava em Londres os premios de $3\frac{3}{4}$ e $4\frac{0}{0}$.

Paris, 26. — Os $5\frac{0}{0}$ ao fechar da bolsa eram procurados a 94,85, e 94,90. Os $3\frac{0}{0}$ estavam 57,75 de contado e 57,90 para conta. — As acções do Banco obtinham 2:370, e negociavam-se poucas.

Não havia grande actividade de transações, mas todos os valores mantinham-se bastante firmes. Ultimamente era notavel a afluencia de dinheiro á praça de Paris. Parte dos capitaes que abundam na bolsa, começando a achar um pouco alto o curso dos fundos, decidem-se por outros valores, que não tiveram o correspondente movimento de ascensão. — É provavel que as acções dos caminhos de ferro se tivessem já aproveitado com esta tendencia dos capitaes, se o governo e as companhias se houvessem empenhado em concluir suas negociações: mas a duvida obsta á compra de taes valores, que pela maior parte estão cotados pelos mesmos preços que tinham ha 3 mezes.

Dizia-se que os agentes de cambio em Paris haviam sido encarregados pelos seus clientes, de subscreverem por uma forte somma para o emprestimo russiano que acaba de negociar-se em Londres, mas que só poderam alcançar um diminuta parte da quantia que sollicitavam; desta forma o dinheiro destinado ao mesmo emprestimo convergiria para os fundos francezes.

O emprestimo romano desceu de 86 a $85\frac{1}{2}$. Alguns pertendiam que MM. de Rothschild recusavam incumbir-se do novo emprestimo em quanto o Pontifice não fosse reinstallado na sua capital; outros diziam que elle não recolheria a seus estados sem estar n-e gociado o emprestimo.

Bruxellas, 26. — Emprestimo de 1840, a $98\frac{1}{4}$. Dois e meio de 1844 a $50\frac{11}{16}$.

Francfort 24. — Fundos austriacos, $5\frac{0}{0}$ a 85, 4 dito $67\frac{1}{2}$, $2\frac{1}{2}$ dito a $43\frac{7}{8}$. Tres por cento hispanhoes a $29\frac{5}{8}$.

Berlim, 25. — (via telegraphica) $5\frac{0}{0}$ a $106\frac{3}{4}$.

Vienna, 23. — (idem) $5\frac{0}{0}$ a $95\frac{7}{8}$.

Madrid, 30. — Titulos de $3\frac{0}{0}$, $29\frac{5}{8}$ papel. — De 4 a $12\frac{1}{2}$ dito. De 5 a $12\frac{7}{8}$ e 13 dito. Coupons não capitalisados a $7\frac{3}{4}$ dito.

Bilhetes do thesouro; do emprestimo forçado de cem milhões de reales, com o coupon vencido, a 86 em papel.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 6 de Fevereiro.

301 Fundos publicos de 5 por cento 54. — Acções do Banco de Portugal 425$000 a 429$000 rs. — Desconto de Notas, 900 a 930.

Cereaes em 6 de Fevereiro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350 a 450	réis	a bordo.
» » molle .	de 410 a 460	»	»
» da ilha.	de 345 a 400	»	»
Milho do reino.	de 220 a 225	»	»
» da ilha.	de 200 a 205	»	»
Cevada do reino.	de 190 a 200	»	»
» da ilha	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 215	»	»

Estado do mercado, em 6 de Fevereiro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Pequenas vendas para o consumo

Assucar de Pernambuco B. novo 1$350 a 1$500 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$300 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$150 a 1$200 rs. — Do Pará, bruto 800 a 950 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dito velho 800 a 1$000 rs. — As vendas limitam-se tão somente para o consumo. Ultimamente chegaram mais algumas partidas do Brasil; a saber: de Pernambuco, 40 caixas, 191 barricas e 2:363 sacas: do Rio, 219 caixas e 50 barricas: da Bahia, 141 caixas e 50 barricas.

Cacáu 1$750 a 1$800 rs. — O deposito é diminuto.

Caffé do Rio — 2$800 a 3$000 rs. — Continúa a ser procurado para embarque, e ultimamente tinham chegado umas 324 sacas.

Cêra de Angola B. 260 a 265 rs. — Dita A. 245. a 250 rs. — Continúa a ter sahida para reexportar, e para o consumo.

Marfim de lei 960 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Effectuaram-se mais algumas vendas para reexportar.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Poucas vendas.

EXPEDIENTE.

Tendo deixado de ser nosso correspondente, na ilha da Madeira, o Sr. Christovão José de Oliveira, é do nosso dever dar um publico testimunho de agradecimento a este cavalheiro pelo muito que a REVISTA lhe deve, e pelo zelo e trabalho que sempre dedicou á nossa Empreza, com a qual ficaram saldas as suas contas do ultimo numero do Tomo I, da Segunda Serie.